

Academias populistas

Ato de contrição permeia a política dos novos intelectuais públicos

11.ago.2024 às 22h00

[Roberto Campos](#) intitulou um de seus artigos "Esquerdas burras". Não era um jeito educado de tratar o oponente, embora despertasse a paixão pelas ideias, um dos afetos básicos da vida intelectual. [Nelson Rodrigues](#), um crítico contumaz de sua época, olhava com ceticismo a natureza humana. Nelson e Campos estavam dispostos a correr riscos. Tinham suas crenças, mas não sofriam de tibieza e indiferença frente aos cacoetes de uma elite letrada.

Campos se candidatou a uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras ([ABL](#)), sofreu boicote de alguns acadêmicos, não desistiu e foi eleito. Nelson passou, temporariamente, por um apagamento público, para depois ser objeto de pesquisas, biografias e minisséries. Se estivessem vivos, provavelmente seriam cancelados nas mídias digitais.

A diversidade cultural tornou-se o imperativo categórico de nosso tempo, inibindo a inteligência e a substituindo por um sentimento de culpa. O cineasta [Denys Arcand](#) afirmou, em uma de suas entrevistas, que para a nova geração "a liberdade de expressão não é um objetivo tão importante. O que importa para eles é a moralidade da expressão —se essa expressão é totalmente moral".

Essa moralidade esteve presente na [posse da nova imortal da ABL](#), [Lilia Schwarcz](#). A acadêmica mencionou, em seu discurso, que [Lima Barreto](#) contaria com dois biógrafos membros da ABL, mas ele mesmo fora recusado três vezes, em seu tempo, por essa instituição. Um protocolo básico para a pessoa branca e progressista ser aceita nesses novos

tempos é proferir, em público, sua mea culpa. Ato de contrição permeia a política dos novos intelectuais públicos.

Gênero, moral, diversidade e culpa são o novo [leito de Procusto](#) no espaço público. Para que nele caiba, o intelectual será ajustado às suas medidas. Se for pequeno demais, será esticado; grande, amputado. O importante é que ele se adapte às medidas e aceite ser acolhido. Acolhimento é a palavra-chave das políticas de Estado. Qualquer desconfiança desse espírito humanitário resulta em reprimenda. Questionar tais políticas é sinal de obtusidade.

As políticas identitárias ambicionam uma nova ordem social ideal. Isso é o contrário do que o crítico [Lionel Trilling](#) chamou de realismo moral. Segundo ele, há um paradoxo na natureza humana que consiste em fazer "dos nossos companheiros objetos de um iluminado interesse", orientado, inicialmente, pela piedade; em seguida, sabedoria e, por fim, pela coerção dessas pessoas. Para nos libertar dessa sequência trágica e irônica, necessitamos de um realismo moral, "que é produto do livre jogo da imaginação moral".

Desconfiar do iluminado interesse dos acadêmicos pelas minorias requer realismo e imaginação morais, disponíveis nas melhores criações artísticas. Mas isso exige que instrumento crítico e ritos de reconhecimento institucional não sejam um sucedâneo das ações políticas bem-intencionadas. Quem sabe um pouco daquele [humor de Groucho Marx](#) não nos fizesse bem: "Eu nunca faria parte de um clube que me aceitasse como sócio".

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.